

A ENIGMÁTICA ILHA DA PÁSCOA



Técnica mista 92 x 73 cm – 1999

Mrs. Robinson tinha posto o marido fora de casa. Estava farta. Comportava-se como um selvagem. Pois que o fosse, mas longe dela. Numa ilha distante, se possível.

Aconteceu isto numa sexta-feira memorável, na véspera da partida para umas férias numa famosa ilha de “enorminhos”, algures na Polinésia, bem lá para o Baixo Pacífico.

Com as passagens na mão e Mr. Robinson despachado, Mrs. Robinson ficou sem saber bem o que fazer. A simpatia da família, dos amigos e dos vizinhos ia toda para ela. Apoiá-la-iam, seguramente, quando tivessem conhecimento do que se passara. Não convinha era que as crianças se apercebessem, mas, como estavam num campo de férias, o problema não se punha imediatamente. Mrs. Robinson confiava nisso. Era uma pessoa positiva!

No momento, tinha era que se concentrar na história das férias. Ia? Não ia? O que faria?

Mr. Robinson acabara de lhe ligar. Queria a sua passagem. Tentaria mudar os voos, mas estava determinado: “Ilha, aí vou eu!”, foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu quando, à hora do almoço, lembrando-se de que era suposto comer qualquer coisa (a “ordem de despejo” tinha sido acatada em jejum) começou a organizar as ideias, enquanto esperava pela sopa.

Voltemos, pois, a Mrs. Robinson que tinha acabado por decidir aproveitar as tais férias há tanto tempo planeadas por ela mesma. Sim, porque Mr. Robinson era mais do género de passar horas a fio enterrado no sofá fixando Joe DiMaggio que passava de bestial a besta em segundos, coisa que está sempre a acontecer aos heróis.

Em meados do século passado, a vida corria mais devagar; o próprio DiMaggio corria mais depressa. Todavia, por mais lento que fosse o ritmo, havia sempre alturas em que era necessário agir rapidamente.

Mr. e Mrs. Robinson tinham, então, decidido partir, embora em voos diferentes, rumo à misteriosa Ilha da Páscoa. Nos aeroportos não era provável que se cruzassem. A viagem seria longa, com transbordos em três escalas. De Santiago do Chile até à ilha é que só havia um voo por semana. Era aí que, presumivelmente, dariam de caras um com o outro. Paciência!

Mrs. Robinson, cheia de malas (era uma pessoa previdente e não confiava nada nos meteorologistas) desembarcou, pois, em Santiago. O avião para a ilha partiria dali no dia seguinte, ao fim da tarde.

Bem instalada, por uma noite, não foi, porém, capaz de dormir, porque se sentia tensa e, no fim de contas, preocupada. Afinal, os acontecimentos das últimas 48 horas tinham-se sucedido de forma quase alucinante e a quinzena que se avizinhava traria “peripécias” bizarras, com certeza...

Enfim, ali estava ela. Mr. Robinson, se não chegara ainda, chegaria no dia seguinte. Mrs. Robinson suspirou profundamente, resignada à sua sorte e à espera do avião que devia levantar voo daí a umas horas.

Chegada, mais uma vez, ao aeroporto e cumpridas as necessárias formalidades, sentou-se, tendo antes discretamente “inspeccionado” a sala. Nem sinais de Mr. Robinson. “Atrasado, como sempre”, pensou ela. “Vá lá! Desta vez, ao menos eu já cá estou!”

A partida foi anunciada, o nome de Mr. Robinson chamado mais do que uma vez, mas sem sucesso. “Não tem mesmo emenda!”, discorreu Mrs. Robinson, enquanto se ia instalando num acanhado lugar à janela. “Sempre imaginei que chegasse em cima da hora, mas nem isso. Melhor! Antes assim! Estou com pouca vontade de o encarar.”

Mas, afinal, por onde andava Mr. Robinson? Isso, mais do que qualquer um, gostaria ele de saber.

O avião que o transportava para Santiago nessa manhã, quase madrugada, tinha-se despenhado, praticamente sem aviso prévio, em terra desconhecida.

Quando se apercebeu de que algo de muito grave estava a acontecer, Mr. Robinson lia a última entrevista de DiMaggio. Só teve tempo de pousar o jornal. No minuto seguinte, foi a vez de o avião “pousar” com o maior dos estrondos e de forma absolutamente desastrosa entre troncos e ramagem.

De facto, fora um desastre, um terrível acidente, uma queda brutal. Mr. Robinson gemendo em todos os tons (fora sempre muito gemebundo) olhou à sua volta, quando acordou.

Para além do caos total e de ruídos que não identificava, não ouvia voz humana, nem nada que se parecesse. Ao fim de minuciosa busca, concluiu que tinha sido o único sobrevivente e que, milagre dos milagres, tinha saído incólume, sem mesmo uma beliscadura, do desastre.

“Mas, afinal, onde estou?”, interrogava-se, tentando abafar o receio, o medo, o pavor, o terror que lhe iam chegando em crescendo. “Preciso de sair daqui e já!”

Enquanto isto acontecia algures, Mrs. Robinson voava rumo à Ilha da Páscoa. Os tais “enorminhos” de pedra, principal atracção da ilha, sempre

a haviam seduzido. Estava curiosa. Tinha lido algo sobre eles e a sombra de mistério que pairava sobre os ditos fenómenos excitava-a.

Não chovia quando aterrou. Mrs. Robinson foi conduzida ao hotel, onde logo pediu a chave da suite que tinha reservado. Tendo-se refrescado, estendeu-se na larga cama e acabou por adormecer.

Curiosamente, Mr. Robinson fazia o mesmo naquele momento. Ainda não sabia que durante 28 anos adormeceria sozinho e que, entregue a si próprio, feito um outro homem, vivendo uma experiência única, lhe seria dado encontrar outro ser humano, um dia. Nesse dia, “contrataria” para o servir (ou acompanhar...) um estranho indígena ao qual passaria a chamar Sexta-Feira porque disso nunca ele se tinha esquecido: a sua vida tinha mudado em absoluto numa célebre sexta-feira em que Mrs. Robinson o tinha despachado de casa para fora.

Mas, se Mr. Robinson não tinha regressado, Mrs. Robinson também não. Porquê? Que estranha sorte tinha sido a dela?

Vejam: contentinha por se ter visto livre do marido e o ter posto no seu lugar, que é como quem diz, longe dela, e, mais satisfeita ainda por, ao fim de uma semana, não lhe ter posto os olhos em cima, quis passar a última noite tranquila, já que o tal voo semanal deveria acontecer no dia seguinte e Mr. Robinson desembarcaria, como ela previa. “Lá se me vai o sossego...”

Foi, então, Mrs. Robinson carpir mágoas e queixas para junto dos Moais, literalmente aos ais, embora apenas audíveis, como manda o decoro. Ia falando sozinha, distraída, alheada até das próprias estátuas, consumida por aquela raivazinha escusada que ia alimentando.

Foi, assim, entre lamentos que acabou por sentir uma força estranhamente poderosa que a atraía como um íman e praticamente a arrastava, sugando-a para um determinado ponto.

Mrs. Robinson sabia que havia quem chamasse àquela ilha o Umbigo do Mundo. Ora, o que lhe aconteceu estava relacionado com isso. O umbigo, o misterioso umbigo abriu-se e acabou por engoli-la, sem apelo nem agravo.

Os Robinson não voltaram, na verdade, a encontrar-se.

Sabemos, porém, de fonte segura que está previsto um “acerto de contas” um dia, quando, noutras circunstâncias, voltarem a ver-se. Talvez caiam nos braços um do outro!

Talvez...

P.S. Robert Louis Stevenson, Daniel Defoe, Simon & Garfunkel: obrigada pela “inspiração”!